

Conferencia realizada no Centro de Cultura Intellectual, em commemoração ao bi-centenario de Campinas por José Nogueira Novaes, alumno do Curso de Madureza do Gymnasio Diocesano.

Em primeiro lugar quero apresentar ao Exmo. Sr. Bispo Conde D. Francisco de Campos Barreto, aqui dignamente representado pelo Revmo. Padre Roque Francisco Netto, as homenagens da mocidade estudantina de Campinas.

Em segundo lugar quero apresentar ao Sr. Professor Gumercindo Guimarães, os meus agradecimentos pela grande honra que me concedeu, convidando-me para trazer minha contribuição obscura mais entusiastica e patriótica a este grandioso movimento em commemoração ao Bi-Centenario de Campinas.

Lançando um olhar retrospectivo para o passado campineiro em fins do seculo 18, vemos estabelecer-se na então freguezia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas, uma poderosa familia que intimamente está ligada a nossa terra e sua historia.

Geralmente quasi todos os troncos das familias paulistas e campineiras, tem por ascendentes os portuguezes e espanhóes, a familia Teixeira Nogueira, não podia deixar de se-

guir a regra. Por bondade do nosso muito illustre e distincto amigo, sr. dr. Theodoro de Souza Campos Junior, genealogista dos mais eméritos, conseguimos dados preciosos sobre a ascendencia de Francisco Paula Nogueira.

O capitão Domingos Teixeira Villela, natural do Tamogo, termo e comarca da Villa de Chaves, Portugal, filho legitimo de Antonio Teixeira e Maria Gonçalves. Foi capitão-mór de Baipendy, homem de cabedais, gozava de muita estima e sympathia de seus concidadãos, benemerito de nossa primeira igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição das Campinas, falleceu a 16 de Fevereiro de 1785, deixou testamento approved e foi sepultado no meio da porta principal da igreja citada.

Era casado com d.<sup>a</sup> Angela Izabel Nogueira do Prado, filha de Thomé Rodrigues Nogueira do Ob, natural da Ilha da Madeira, que tambem occupou cargo de governo na Villa de Baipendy.

Segundo o notavel genealogista Silva Leme, Nogueira do Ob, foi o fundador da capella-mór do Monte Serrat daquela Villa onde está enterrado.

Dentre muitos filhos de tão illustre casal podemos citar tres que mais intimamente estão ligados a Campinas: frei

Antonio de Padua, Felipe Nery Teixeira e Joaquim José Teixeira Nogueira.

O primeiro é aquelle illustre sacerdote que piedosamente, pela primeira vez, fez Jesus baixar a terra campineira, sob as humides apparencia de pão e vinho. E' por seu intermedio que temos noticias das primeiras solemnidades religiosas celebradas na então villa.

Conhecedor da fertilidade das terras e grandioso progresso que o Todo Poderoso destinava a essa villa, fez vir de Baipendy, seus venerandos paes e irmãos e parentes.

O segundo é o capitão Felipe Nery, que com pouca idade occupou os mais elevados cargos da villa.

Num trabalho do dr. Ricardo, estudando a nomeação do primeiro capitão-mór de nossa cidade, encontramos um trecho de uma representação —

onde bem podemos ver o valor de Felipe Nery. Elle: — Já a familia Teixeira Nogueira, (irmãos do primeiro vigario Frei Antonio) mineiros e occupando elevada posição social e já casados em São Paulo, fez valer sua popularidade e apresentou como candidato o muito intelligente e emprehendedor capitão Felipe Nery Teixeira, e com a exclusão do nome do sargento-mór Raymundo Alves dos Santos Prado Le-

me, formou-se a lista triplicada enviada ao governo.

# UM HEROI CAMPINEIRO

## Alferees Francisco de Paula Nogueira, morto gloriosamente no Paraguay

O Capitão general annullou a proposta e ordenou fosse reformada. Isto fez a Câmara, incluindo sempre o nome do Capitão Felipe Nery, excluindo aquelle do amigo do Governador.

Si Campinas possui a magestosa Cathedral de Nossa Senhora da Conceição, um dos mais bellos dos templos de São Paulo e do Brasil, devemos aos trabalhos e esforços de Felipe, que com seus escravos abriu os colossos alicerces e dirigiu as construcções até a morte.

O terceiro é o sargento-mór Joaquim José Teixeira Nogueira, nascido em Lavras do Parai e fallecido em 1833. Occupou por diversas vezes o cargo de juiz; foi senhor de umas cinco sesmarias. Era casado com Angela Izabel de Souza Camargo, filha de Gonçalo Souza Rodrigues e de sua mulher Ignacia Maria de Camargo Lima, os quaes se casaram em Cotia em 1747.

Dentre muitos filhos dessa casa, o sexto é Luciano Tei-

xeira Nogueira, paes do nosso alferees.

Pelo lado materno Luciano era descendente da grande e valerosa familia dos Camargos, que se fixou nos fins do seculo 16 no planalto de Piratininga e que prestaram grandes serviços no desbravamento dos sertões do Brasil. Luciano Teixeira Nogueira, como campineiro, nunca deixou de tomar parte activa em todos os grandes movimentos politicos de sua terra. A 20 de Abril de 1828, casou-se em primeiras nupcias com sua sobrinha, D. Francisca de Paula Ferraz, fallecida em 23 de Março de 1852, filha do Major Theodoro Ferraz Leite, e sua segunda esposa, Maria Luiza Teixeira Nogueira. Podemos affirmar, sem faltar a verdade, que o major Luciano, foi o campineiro que sagrou numero de filhos relevantes. Segundo uma tradição existente na familia Teixeira Nogueira, tivera elle 36 filhos, sendo 29 do primeiro casamento e 16 do segundo. Essa tradição parece não exprimir a verdade, de accordo com o diario parti-

cular, actualmente em nosso poder, temos base para affirmar que foram 18 do primeiro casamento e 16 do segundo. Pais de tão numerosa prole não podia deixar de dar um filho que tão galhardamente se battesse em defeza do torrão natal. Nas commemorações do bi-centenario de Campinas, estão sendo cantadas as glorias e feitos dos seus filhos. Mas não sei a razão porque ainda não se rendeu uma pall a homenagem aquelles que daqui partiram para os campos paraguayos e lá ficaram. Fazendo-o nós a Francisco de Paula Nogueira, evocamos tambem a memoria dos outros campineiros esquecidos que lá tombaram. No 6.º livro de registro de baptismo da antiga parochia da Conceição, a folha 32, encontramos: Francisco: Ao primeiro de Janeiro de 1841, nesta matriz da Villa de São Carlos, baptizou e pôs os Santos Oleos, o coadjutor Antonio Correia Leme e Francisco, de um mês, filho do capitão Luciano Teixeira Nogueira e de D. Francisca de Paula Nogueira. Padrinhos — Domingos Teixeira e sua irmã D. Anna Eufrosina, todos desta parochia. O vigario João Manuel de Almeida Barbosa. Nascido e criado de baixo do dedo onde a patria era cultuada, com 2 annos incompletos padecer momentos de sobresaltos, devido ao fracasso

da revolta de 42 da qual o seu venerando paes era um dos chefes. De sua infancia quasi nada pudemos apurar. Por intermedio duma collecção de cartas, pudemos saber que em 1864, cursava a Culto á Sciencia de São Paulo. Todas ellas são redigidas em bom portuguez e letra firme. Em 1865 o imperio Brasileiro, o luzeiro das Americas, o paladino da paz e da concórdia americana, era atacado e invadido pelos barbares, chefiados por Francisco Solano Lopes. As provincias de Mato Grosso e Rio Grande eram invadidas. Porto Carreiro e Antonio João escreveram as mais bellas paginas da historia militar das Americanas. O imperador justiceiro declarou guerra a Lopes e não ao pobre povo paraguayos que vivia de baixo de ferrea tirania. De todos os rincões do Brasil ecoaram os gritos de alarma, pois a patria estava em perigo. Já no mez de Janeiro de 65 em São Paulo se fazia o alistamento para a formação do valoroso 7.º batalhão de voluntarios, que ainda não teve uma pena brilhante para cantar-lhe os feitos de gloria. Nos primeiros dias de formação, o 7.º tivera como commandante o Coronel Francisco Antonio de Oliveira. Em Março, foi o mesmo substituido pelo experimentado major reformado do exercito, Francisco Joaquim Pinto Paes

da, promovido a tenente coronel. A mocidade estudantina de São Paulo alistou-se no 7.º e entre elles estava Francisco de Paula Nogueira, e outros campineiros. Do seu idealismo e coragem podemos avahar pelas cartas que dirigiu a seus paes. Numa dellas datada de 2 de Junho diz: — Eu graças a Deus não vim, juntamente com os meus campineiros, e estamos muito animados para resistir aos trabalhos da viagem e dos perigos da guerra, e espero na bondade de Deus um dia colado de louro, com trancos todos os bravos defensores da Patria, voltar para junto dos meus. Deus nos ha de proteger".

No Correio Paulistano de 22 de Junho do corrente anno, num artigo muito interessante o sr. Cavalheiro Freire, nos da a conhecer, preciosas notas tiradas do primeiro livro do Tombo da Archidiocese de São Paulo. Estas: — Bandeira do 7.º Batalhão de Voluntarios da Patria. A cerimonia da benção da bandeira, bordada por algumas senhoras paulistas e por ellas offerecida aos 7.º B.V.P., realizo-se na Cathedral de São Paulo aos 9 de Julho de 1865, tendo officiado na tocante cerimonia e patriótica solemnidade o Bispo D. Sebastião Francisco de Rego.

(CONTINUA)

Das mãos de ilustre prelado paulista passou o pavilhão que devia cobrir-se de glória na tomada da ilha da Redenção e em toda a campanha contra o Paraguai, para as mãos do presidente da Província Dr. João Chrispiniano Soares, o qual, depois de pronunciar eloquentemente discurso de exortação cívica entregou ao comandante do 7.º B. V. P., tenente coronel Francisco Joaquim Pinto Pacea, segundo o que se afirma, passou este as mãos de Francisco de Paula Nogueira. Correndo em suas veias aquele sangue de desbravadores de sertões e fundadores de cidade, tudo parecia para ver triunfar suas idéias. A 24 de Julho, o valoroso 7.º parlia de São Paulo, com 720 praças e 39 oficiais com destino a Mato Grosso, mas ao chegar a Peru's, recebia ordem do Ministério da Guerra para regressar a São Paulo e daí seguir directamente para Santos, donde partiu a 30 do mesmo mês para o sul. — Desde a saída do porto Paulista, começou a vida de sacrificio daqueles 759 bravos. Numa carta de Santa Catarina, datada de 21 de Agosto, Paula Nogueira nos dá a conhecer a vida de bordo. Até agora estamos aqui, amanhã ou depois que poderemos seguir para o sul, a stanora tem sido porca e o navio está recebendo carvão e água; infelizmente não tenho passado bem neste vapor, porque o comandante é um tanto relaxado; ter tido dias que os officiaes, como soldados tem saído fôrre, de maneira que

isto têm sido um completo abuso; dá dó de verem-se os soldados queixar-se de fome; o nosso comandante toma muita parte, mas ela não pôde dar remédio, muito vale minha resignação, pois soffro calado. Depois de tanto sacrificio e o 7.º desembarcado a toda pressa afim de dar combate não ao inimigo mas sim a um grande incendio que quasi destruiu a cidade de Rio Grande.

No começo de setembro desembarcou em Porto Alegre. Durante todo o tempo que permaneceu nessa cidade foi o batalhão paulista considerado o mais disciplinado e o mais garboso. O presidente da Província Visconde da Boa Vista, muitas vezes o distinguia assistindo às suas evoluções e manobras, mostrando sempre muito entusiasmo. Ficando diversas praças nos hospitais, recebeu muitas outras de batalhões que por ali haviam passado.

Na capital gau'cha escreve ao pé duma carta datada de "Eram 11 horas da noite, quando eu acabava de escrever esta carta neste momento quando eu queria deitar-me ouvi grandes ruídos na cidade muito foguetes e músicas que entoavam o hino nacional; vesti-me e parti para saber da novidade, era a noticia que os Paragaites em numero de seis mil e quinhentos e tantos se tinham rendidos em Uruguayana de maneira que estou muito esperançoso de logo voltar, porque os desgraçados já se estão rendendo. Havia esperança da partida do 7.º para São Gabriel. Numa das cartas de Paula Nogueira, en-

contramos uma frase muito significativa e pela qual podemos analisar o estado de espirito daquelles que daqui partiram. Ella: "Quinta Feira, temos de embarcar e seguiremos para São Gabriel e logo mostraremos aos Paragaites o peso do braço paulista.

Em vez de São Gabriel, seguiram para Montevidéo e no Natal de 1865 chegaram a Corrientes. No dia 1 de Janeiro de 1866, marcham para as Lagoas Bravas, reúnem-se ao exercito no mesmo dia e ficam pertencendo a Brigada de Protecção à Artilharia comandada pelo Coronel Francisco Gomes de Freitas e a Divisão do Brigadeiro Melo. O ano de 56 para os paulistas foi o de sacrificios extremos. Seu efectivo ficou reduzido a um terço. Recebendo ordem o 7.º marchou para a margem esquerda do Rio Paraguai a 31 de Março. Na noite de 5 de Abril, num ato de verdadeira loucura juntamente com outras tropas, desembarcou e occupou depois de violentissimo combate a ilha da Redenção, em frente ao forte de Itaipu. Ao amanhecer do dia 6 o pavilhão nacional transportado pelo jovem campineiro tremulava no alto das fortificações inimigas. Nesse combate mais de 100 bravos pereceram.

No arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, encontramos ainda um quadrado com a copia de um documento de real valor, a qual foi cedida pelo quartel general da 2.ª Região Militar ao dr. Alvaro Ve-

# UM HEROE CAMPINEIRO

## ALFERES FRANCISCO DE PAULA NOGUEIRA, MORTO GLORIOSAMENTE NO PARAGUAY

Conferencia realizada no Centro de Cultura Intellectual, em commemoração ao bi-centenario de Campinas por José Nogueira Novaes, alumno do Curso de Madureza do Gymnasio Diocesano.

ga Coimbra, e por este ao director do museu. O documento é o seguinte: Aviso Ministério da Guerra Diretoria Central 1.ª Secção.

Rio de Janeiro, em 2 de Maio de 1866. Ilmo. Exmo. sr. Por decreto de 1.º de corrente, houve por bem a sua magestade o Imperador, conferir a Insigúia de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, aos batalhões 7.º de Voluntários da Pátria, 11.º de Infantaria e ao Batalhão de Engenheiro. Estas insigúias são remetidas nesta occasião a V. Excia. por intermédio da nossa Missão Especial do Rio da Prata e deverão ser entregues por V. Excia. em ato solene aos corpos agraciados, que bem mereceram do país, na heroica sustentação da ilha em frente ao Forte Itaipu. Deus guarde V. Excia. Angelo Muniz da Silva Ferraz. Sr. Barão do Herval Permanedeuete 12 do mesmo mês, atravessou com o exercito o Paraná para Itaipu. Podemos dizer que este batalhão desde o seu batismo de fogo até o fim da guerra nunca soube occupar uma posi-

ção que não fosse a da vanguarda, onde sempre pagou muito caro o seu arrojo. Fez o avanço de 20, o reconhecimento das posições em Bojas e tomou parte na batalha de 24 em Tuiuti, na qual se bateu largo tempo com uma força de cavalaria e infantaria muito superior em numero, tendo ficado fora de combate 5 officiaes e 120 praças. Foi reunido a direita esquerda do 42 de voluntários de São Paulo que tinha sido dissolvido. O ardor combativo das tropas brasileiras aumentavam dia a dia, mas as intrigas de Mitre, fizeram com que o Grande General Osorio, deixasse o comando das tropas. Mas o chefe illustre teve como substituto um discipulo digno de seu nome. Ao assumir o comando em chefe o General Polidoro da Fonseca Jordão, no dia 25 de julho, deu ordem necessarias para uma formidável offensiva. Os exercitos esperaram somente o momento preciso para se lançarem na batalha. O dia 17 passara calmo, parecia que homens queriam amazenar as energias. No ama-

nhecer de 18 todas as forças brasileiras começaram a avançar. O 7.º que recebera ordem de desalojar o inimigo fantásticamente intrincheirado, nas posições de Bocaina, chave necessaria para o bom êxito do combate. Os sacrificios não foram limitados. Apoiados por outras tropas, os paulistas lançam-se numa fulminante offensiva. O combate é tremendo, arma branca é mais usada. O alferes Francisco de Paula Nogueira que em todos os combates se havia distinguido avançava empunhando aquell bandeira que conduzia tomada da ilha da Redenção e ostentava agora as insigúias da Ordem do Cruzeiro. Os paulistas atacavam, o terreno era conquistado palmo a palmo. Em dado momento a artilharia inimiga lança impiedosamente algumas granadas, que rompem estrepitosamente a cortina diáfana do espaço. A luz do dia é incandescente como os corações. O aço dúctil das baionetes reflete um incendio de luz. O uniforme glorioso de nossos soldados tem aspecto de colorações nacionais. O nosso batalhão avança impetuosamente como um beldio na celeste imensidão. A frente, o herói. Conduz Paula Nogueira o pavilhão nacional. O porta-bandeira cordiz a Nação, que sempre foi mãe carinhosa e assiste os filhos nas horas árduas do infortunio e na pecha da dor e arrebatadas do heroismo.

Paulo Nogueira pisa o solo com a intrepidez indomita de seus maiores. Tem ele o heroísmo dos senhores de g

dades, cuja herança de bravura conduz em coração de amor... Outra nuvem traz cerebros de granadas que se arrepressam furiosas diante dos que defendem um direito contra uma tirania. Paula Nogueira está sempre à frente do batalhão que caminha com a velocidade das vitórias: de vagar porém vencendo... O coração do herói campineiro intumesce-se das alegrias da fé, da compiacência da dor num sacrificio nacional, da abundância de coragem na exiguidade de um beldio, do calor cadente do patriotismo.

O estrondo das granadas encontrou o obstaculo das quebradas. Houve uma resposta dos abismos. O eco também é a linguagem das pedras mudas. Paula Nogueira, porém, não avia. O herói peçiera a vida. A um lado a cabeça separara-se do corpo. Os punhos cerrados do génio do combate imobilisaram-se no mastro da bandeira. Os olhos de Paula Nogueira abriram-se e não se fecharam mais. Pediam a visão daquele lenço, com que lhe acenou a Pátria Mãe que diz: Sê nobre e forte e Serás feliz.

Paula Nogueira morreu com a felicidade dos bem-aventurados da Pátria. — Teve ele a razão estranha de oferecer a vida para a vida da posteridade, num entusiasmo sempre crescente de liberdade, que é a disciplina concenete.

Ainda no artigo do sr. Cavalcheiro Frere encontramos o seguinte: A bandeira do 7.º ficou com a terminação da

CPM 1.1.1.4.10-2  
geira, a 1.º de Março de 1870 dos Campos do Paraguai, empunhada por um reduzido grupo de voluntários daquela unidade, a qual no fim da campanha para formar um batalhão leve de fundir-se sob n.º 53 com os restantes também paulistas do 42 e 45 batalhões e foi entregue ao Corpo Capitular de S.ª ás 4 horas da tarde, do dia 27 de Abril de 1870. O glorioso emblema da patria que, furado de balas paraguayas, salpicada de sangue, mas virgem do contacto impuro das mãos inimigas, foi entregue em frente da tropa pelo comandante do 52, Coronel Antonio Martins do Amorim Rangel, ao presidente da Provincia dr. Antonio Candido da Rocha, que por seu turno, o entregou ao vigario capitular, arcebispo dr. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, sendo por este colocada a reliquia junto ao Altar-Mór Nesse momento sobe ao pulpito o reymdo padre Francisco de Paula Rodrigues, que profero um bellissimo discurso sobre ao grandioso e comovente ato, findo o qual, realizou se o soleno Te-Deum-Laudamus, officiando o monsenhor arcebispo, dr. Joaquim.

E a lembrança da bandeira, pensão sacrosanto, livre das mãos da gente inimiga, é também a recordação suprema que havemos de ter do imortal Paula Nogueira. Quando a posteridade quizer conhecer a imagem do heroismo, procura-la-á em Francisco de Paula Nogueira. Ele não morreu empunhando um fuzil. — Conduzia a bandeira da Pátria